

“PINTANDO A CARA” NO MARANATHA DE NAVIRAÍ - MS: INTERAÇÃO DIALÓGICA ENTRE UNIVERSIDADE E SOCIEDADE

*Josiane Peres Gonçalves**
Ângela Patrícia de Oliveira Fraís
Ana Maria Correa

RESUMO

O objetivo do presente estudo é refletir sobre as ações extensionistas desenvolvidas pelo projeto de extensão “Pintando a Cara” da UFMS no projeto Maranatha de Naviraí. A pesquisa de natureza qualitativa foi realizada por meio de levantamento e análises das atividades realizadas pelos participantes do Maranatha. Os resultados indicam que há uma boa aceitação do “Pintando a Cara” evidenciada pelo comprometimento dos participantes durante a realização das atividades propostas, como: teatro, contação de histórias, confecção de dobraduras, etc. A pintura facial, principal identidade do projeto de extensão, evidencia o estado emocional dos participantes, que costumam escolher os desenhos de acordo com o gênero (meninas e meninos) e faixa etária.

Palavras-chave: Extensão Universitária. Pintura facial. Interação dialógica.

PAINTING FACES IN MARANATHA OF NAVIRAÍ: DIALOGIC INTERACTION BETWEEN UNIVERSITY AND SOCIETY

ABSTRACT

The aim of this study is to reflect on the extension actions developed by the project "Painting of the Face" from UFMS in the Maranatha Naviraí project. The qualitative research was conducted through a survey and analysis of the activities performed by the participants of Maranatha. The results indicate that there is a positive acceptance of the "Painting of the Face" resulting from the commitment of the participants during the course of the proposed activities, such as theater, storytelling, making folding, etc. The face paint, the main identity of the extension project, shows the emotional state of the participants, who often choose the designs according to gender (girls and boys) and age.

Keywords: University extension. Face painting. Dialogic interaction.

* Doutorado em Educação (PUCRS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Naviraí, MS. Contato: josianeperes7@hotmail.com.

PINTANDO LA CARA DEL MARANATHA NAVIRAÍ- MS: INTERACCIÓN DIALÓGICA ENTRE UNIVERSIDAD Y SOCIEDAD

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es reflexionar sobre las acciones de extensión desarrolladas por el proyecto de extensión "Pintando la cara" UFMS en el proyecto Maranhão Naviraí. La investigación cualitativa se realizó a través de encuestas y análisis de las actividades realizadas por los participantes de Maranhão. Los resultados indican que hay una buena aceptación de la "Pintura de la cara" demostrada por el compromiso de los participantes en el curso de las actividades propuestas, como el teatro, cuenta cuentos, haciendo de plegado, etc. La pintura de la cara, identidad principal del proyecto de extensión, muestra el estado emocional de los participantes, que a menudo eligen los diseños según el sexo (niños y niñas) y la edad.

Palabras clave: Extensión universitaria. Pintura de la cara. Interacción dialógica.

INTRODUÇÃO

Estando vinculada à linha de pesquisa “Desenvolvimento Humano e Educação” do “Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação” (GEPDGE), o projeto de extensão “Pintando a Cara” caracteriza-se como uma proposta de extensão que busca promover o desenvolvimento dos participantes, relacionar teoria e prática e ainda possibilitar a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão. De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), a extensão universitária é entendida como um processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade, mediante o envolvimento de alunos, docentes e técnicos administrativos, do corpo social da universidade, em ações voltadas para atender as demandas da população ([FORPROEX, 2012](#)).

Diante desse pressuposto, no ano de 2011 surgiu o projeto de extensão “Pintando a Cara” e devido ao envolvimento com algumas instituições de cunho social, tornou-se necessário desenvolver alguns estudos para melhor compreender sobre a contribuição das ações extensionistas para a sociedade, bem como para a formação das alunas de Pedagogia. Assim, a pesquisa intitulada “Investigação relativa aos impactos do projeto de extensão 'Pintando a Cara' para a sociedade de Naviraí”, foi sendo desenvolvida paralelamente com as ações de extensão resultando em algumas produções científicas.

Trata-se de uma forma importante de relacionar teoria e prática, mediante aos conhecimentos obtidos durante o processo de formação profissional, estreitar relações com a sociedade, ensinando e aprendendo ao mesmo tempo ([FREIRE, 1997](#)) e ainda desenvolvendo atividades de pesquisa e extensão.

Baseando-se no [FORPROEX \(2012\)](#), entendemos que para melhor compreender as ações de extensão, é preciso pensá-las a partir de algumas diretrizes fundamentais, tais como: interação dialógica com a sociedade, interprofissionalidade e interdisciplinaridade, indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, impacto na formação do estudante e impacto social.

Tais diretrizes indicam que o princípio da interação dialógica orienta o desenvolvimento das relações entre universidade e seguimentos sociais, que devem ser marcadas pelo diálogo e troca de saberes, de forma horizontal. Ou seja, não significa que a universidade é a detentora de conhecimentos e que somente ela vai ensinar a sociedade, mas que há uma interação dialógica em que uma aprende com a outra. Trata-se de saberes diferentes que ao interagirem promovem o desenvolvimento dos principais envolvidos no processo (grupos atendidos e estudantes de graduação), evitando assim a visão assistencialista, uma vez que, segundo [Calderón \(2003, p.37\)](#),

A ideia que está por detrás desse entendimento é basicamente a seguinte: aqueles que têm, estendem àqueles que não têm. Essa visão assistencialista traz, pois, uma direção unilateral, ou seja, é uma espécie de rua de mão única: só vai da universidade para a sociedade. A mão inversa não é considerada. É interpretada como não existente. Logo, não se leva em conta o que vem da sociedade para a universidade, seja em termos da sociedade sustentando o ensino superior, seja em termos do próprio saber que a universidade elabora. Entretanto, para que a universidade se insira efetivamente na sociedade de modo consequente, é necessário que se considere a mão inversa também.

A perspectiva da interação dialógica sempre norteou os trabalhos desenvolvidos pelo “Pintando a Cara” por se entender que a sociedade tem muito a ensinar e a contribuir com a universidade, especialmente para os alunos de graduação que estão em processo de formação profissional, e que se tornarão professores, após concluir o curso de licenciatura em Pedagogia.

Quanto ao princípio da indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão, segundo o [FORPROEX \(2012\)](#), significa que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas ao processo de formação de pessoas (ensino) e de geração de conhecimento (pesquisa). Este é um dos motivos pelos quais o “Pintando a Cara” caracteriza-se como um projeto de extensão, mas que também desenvolve pesquisa, de forma a produzir novos conhecimentos e enriquecer a formação dos estudantes de graduação. Dessa forma, o impacto na formação do estudante pode ser mais significativo, tendo em vista que a extensão universitária possibilita o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos. Nesse sentido [Costa e Silva \(2011, p.77\)](#) sinalizam:

A extensão universitária, por ser um campo onde se desenvolve uma proximidade maior com professores (coordenadores e supervisores de projetos de extensão) e também com a comunidade, possibilita ao acadêmico fazer a articulação dos conteúdos teóricos e operacionais, cria oportunidades para o desenvolvimento de habilidades referentes ao trabalho em equipe e fortalece o compromisso social e ético no que se refere à busca dos direitos do cidadão.

Finalmente, o princípio do impacto na transformação social ([FORPROEX, 2012](#)), pressupõe que a extensão universitária é um mecanismo pelo qual se estabelece a inter-relação da instituição de ensino superior com os outros setores da sociedade, visando uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social. Para [Calderón, Peçanha e Soares \(2007, p.10-11\)](#):

É a extensão uma das três funções ou dimensões da universidade que, construída e desenvolvida com propósitos sólidos, academicamente articulados a princípios filosóficos, pedagógicos e científicos, é capaz de expandir o conceito de cidadania, enquanto práxis de uma política comprometida com a transformação social. [...] Trata-se, pois, de uma atividade competente ao fazer acadêmico, indissociada do ensino e da pesquisa científica. [...] A extensão, que é ensino e pesquisa, é fundamentalmente educação e, como tal, participa da natureza do fenômeno educativo em todos os âmbitos da sociedade, principalmente dos mais necessitados.

É importante ressaltar que no Brasil, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, foi estabelecido no artigo nº. 207 da Constituição Federal de 1988, o qual ressaltou a necessidade de promover a formação crítica do estudante de graduação, fundamentada tanto na pesquisa quanto na atividade de extensão universitária. Também mencionou sobre a autonomia da universidade pública, com a reafirmação do seu papel independente de governos e, ao mesmo tempo, fortemente comprometida com o desenvolvimento nacional ([BRASIL, 1988](#)).

Posteriormente, na década de 1990, a Lei nº 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, no Art. 43, que trata das disposições e finalidades da educação superior, mencionou que a educação superior tem por escopo desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão na universidade, projetando sua integração com a comunidade na qual está inserida, através de ações que prestem serviços especializados à comunidade, estabelecendo assim uma relação de reciprocidade, contribuindo com a construção e reconstrução da sociedade ([BRASIL, 1996](#)).

Já no Século XXI, alguns avanços relativos à extensão universitária ocorreram no Brasil, conforme [Benetti et al. \(2015\)](#), como o Plano Nacional de Educação 2001-2010 (Lei Federal nº 10.172/2001), que “[...] em sua Meta 23 para a educação superior, indicou a reserva mínima de dez por cento do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País, para a atuação dos estudantes em atividades de extensão” ([BENETTI et al., 2015](#), p. 27). Os autores acrescentam ainda que essa meta foi reafirmada na Estratégia 12.7 do novo Plano Nacional de Educação (2011-2020), Lei Federal nº 13.005 ([BRASIL, 2014](#)). A referida lei visa assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social.

Podemos perceber, diante do exposto, que as necessidades da sociedade são fatores importantes durante a implantação de um projeto de extensão. No caso do “Pintando a Cara”, foi percebido que havia possibilidade de desenvolver atividades educativas, relativas à pintura facial e ludicidade, com crianças e adolescentes que frequentavam o Projeto Maranhão de Naviraí (instituição não governamental que tem como finalidade o atendimento a crianças e adolescentes que se encontram em condições de vulnerabilidade social). Após cinco anos de parceria, cujas atividades sempre foram desenvolvidas semanalmente pelas alunas de Pedagogia da UFMS, surgiu o interesse em desenvolver o presente estudo, que tem como objetivo refletir, mediante análise de registros de atividades, sobre as ações extensionistas desenvolvidas pelo projeto de extensão “Pintando a Cara” da UFMS no projeto Maranhão de Naviraí.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do presente estudo, e diante do objetivo proposto, é oportuno explicar como se deu o procedimento metodológico. Para [Minayo \(2003\)](#), a metodologia é o caminho do pensamento a ser seguido, ocupando um lugar essencial na teoria. Trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade, que no caso do presente trabalho, foi realizado por meio de abordagem qualitativa. Também [Severino \(2011\)](#) relata que quando se fala em abordagem qualitativa cabe trazer à baila um conjunto de metodologias, envolvendo, possivelmente, diferentes referências epistemológicas.

A intenção inicial era desenvolver entrevistas com os participantes do Maranhão para identificar suas percepções sobre as ações extensionistas desenvolvidas pelo “Pintando a Cara”. Porém, logo ficou claro que os relatos eram curtos e basicamente afirmavam que gostavam das atividades porque eram legais e divertidas. Percebemos então que seria mais adequado analisar os diversos registros das atividades desenvolvidas, como por exemplo: planejamentos; listas de frequência; relatórios das ações realizadas; avaliações coletivas ocorridas nas reuniões do campus para então reencaminhar as atividades conforme a necessidade; fotografias; etc.

Dessa forma, após selecionar as diversas fontes de registros para a realização do presente estudo, optamos por descrever algumas das ações extensionistas propostas, para então explicar sobre a atuação das crianças, bem como os seus relatos a respeito das práticas desenvolvidas. Antes, porém, buscamos fazer uma retomada da trajetória do projeto de extensão “Pintando a Cara”, durante os seus cinco anos de existência, para então explicar sobre as práticas desenvolvidas no Maranhão, conforme apresentado na sequência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como surge e se desenvolve o “Pintando a Cara”

O Projeto de extensão “Pintando a Cara” surgiu em 2011, por iniciativa de uma aluna que estava no 1º ano de Pedagogia e que tinha o interesse em desenvolver alguma atividade prática no Projeto Maranhão, devido à necessidade que a referida entidade tinha para atender crianças e adolescentes que participavam das ações propostas, durante o período em que não estavam na escola. O Maranhão (cuja razão social é “Associação Projeto Maranhão”, iniciado em agosto de 2006), busca desenvolver atividades de associações visando a defesa de direitos sociais. Caracteriza-se como uma entidade não governamental que atende crianças e adolescentes em situação de risco ou de vulnerabilidade social.

Para [Sasaki \(1997\)](#), a ideia de educação voltada grupos vistos como vulneráveis vem crescendo no mundo inteiro, com base no pressuposto de que toda criança e adolescente tem direito à educação de qualidade e de que, portanto, os sistemas educacionais têm que mudar para poder responder a essas necessidades.

O surgimento da proposta de extensão universitária, também era uma forma de as alunas de graduação já terem contato com experiências práticas, desde o início do processo de formação profissional, antes mesmos dos estágios curriculares do curso de licenciatura em Pedagogia. Nesse sentido, [Cabral \(2002, p. 8\)](#) enfatiza que:

A extensão universitária é eixo chave do ensino universitário comprometido com os problemas da sociedade, é um campo especializado de intervenção para a construção do saber. Teoria e prática são elos indissolúveis na produção de conhecimento que podem ser efetivadas pelos alunos fortalecendo a formação universitária e ao mesmo tempo, busca trazer respostas a problemas sociais existentes na sociedade.

A ideia inicial foi discutida com uma professora da UFMS que acatou a proposta e se tornou a coordenadora geral do “Pintando a Cara”. Logo no início, um grupo de alunas foi convidado a participar das ações extensionistas, que passaram a ser desenvolvidas semanalmente com as crianças e adolescentes que frequentavam o projeto Maranhão. Também ocorriam reuniões semanais no campus da UFMS de Naviraí para estudos, planejamento e organização das atividades práticas.

O projeto de extensão teve ainda outro parceiro, o Rotary Club Integração de Naviraí, que colaborava com o fornecimento de materiais de consumo, especialmente tintas e pincéis para a realização da pintura facial. Como a proposta extensionista era baseada em atividades artísticas, no seu primeiro ano de existência, se chamava “Pintando a Cara, Soltando a Voz”, cuja finalidade era contribuir com o processo de desenvolvimento integral dos participantes, especialmente em seus aspectos psicossociais, mediante a realização de atividades relativas à pintura facial, música e ludicidade.

Ao refletir sobre o início das atividades desenvolvidas pelo “Pintando a Cara” em seu primeiro ano de existência, [Gonçalves e Correa \(2015, p. 276\)](#) afirmam:

Ainda, em 2011 o Projeto “Pintando a Cara” recebeu a proposta para participar das paraolimpíadas das APAEs (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), evento que reuniu representantes de toda a região do Cone Sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Devido à participação neste evento, surgiu o convite para que o projeto de extensão fosse desenvolvido na APAE de Naviraí no ano de 2012.

As autoras ainda relatam que em seu segundo ano de existência, o projeto de extensão passou a ser denominado de “Pintando a Cara 2ª Edição”, sendo que “[...] as atividades práticas eram realizadas semanalmente em duas entidades: APAE de Naviraí e Projeto Maranhão, além de permanecer os encontros semanais no campus para estudos e planejamentos” ([GONÇALVES; CORREA, 2015, p. 276](#)).

Gradativamente o projeto “Pintando a Cara” foi se tornando conhecido da sociedade naviraíense e seus membros passaram a ser convidados para participar e contribuir com a realização de eventos esportivos, culturais e até na área da saúde, como é o caso de Campanha de Pesagem realizada na Semana Criança pelo Programa Saúde da Família (PSF) do Jardim Paraíso, em que foi atendido um público que ultrapassou 500 crianças. Entendemos que as atividades educativas que promovam a integração social podem ser consideradas relevantes, porque conforme [Papalia, Olds e Feldman \(2009\)](#), as relações sociais saudáveis são vitais para a saúde e o bem estar das pessoas, inclusive de crianças.

No ano de 2013, o projeto de extensão intitulado “Pintando a Cara 3ª Edição” passou a desenvolver atividades mensais em mais uma importante entidade de Naviraí, o Lar da Criança Amor e Fraternidade de Naviraí que abriga menores segregados de suas famílias. Também foi feita a pareceria com a Gerência Municipal de Educação (GEMED)

de Naviraí com a finalidade de participar e contribuir esporadicamente com a realização de eventos diversos na área da Educação ([GONÇALVES; CORREA, 2015](#)).

Em 2014, um fato importante aconteceu, o projeto de extensão que passou a ser denominado apenas de “Pintando a Cara” foi contemplado com financiamento do Ministério da Educação Secretaria de Educação Superior (MEC/SESu) por meio do edital Proext 2014. Assim, tornou-se possível contar com a colaboração de 9 (nove) bolsistas de extensão e ainda obter recursos para aquisição de materiais permanentes. Dessa forma, as ações extensionistas do Projeto “Pintando a Cara” no ano de 2014 foram desenvolvidas mensalmente na APAE e Lar da Criança de Naviraí e semanalmente no Projeto Maranatha. [Gonçalves e Correa \(2015, p. 276\)](#) enfatizam que:

O motivo pelo qual foram privilegiadas as três entidades mencionadas, diz respeito às suas especificidades em demonstrar a real preocupação com os problemas sociais, principalmente em relação àqueles que encontram-se em situação de risco ou que fazem parte de grupos que sofrem algum tipo de exclusão social.

Seguindo esta mesma perspectiva, mas também devido a necessidade de vivenciar novas experiências e diversificar as entidades atendidas, durante o ano de 2015, o Projeto Maranatha continuou como parceiro do “Pintando a Cara”, por ter sido o primeiro e uma nova parceria foi estabelecida com o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo de Naviraí (SCFV). A referida, entidade que tem por finalidade complementar o trabalho social junto às famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social. O SCFV possui caráter preventivo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades dos participantes, priorizando atendimento em grupo por meio de atividades artísticas, culturais, de lazer, esportivas, dentre outras,

Considerando que os alunos da APAE e as crianças do Lar da Criança Amor e Fraternidade são sempre as mesmas, não mudam de um ano pra outro, durante a realização das reuniões semanais ocorridas no campus da UFMS de Naviraí, as integrantes do projeto de extensão chegaram à conclusão de que o SCFV precisava mais da colaboração e realização das ações extensionistas. Da mesma forma que ocorre com o Maranatha, o SCFV conta apenas com trabalhos de pessoas voluntárias, por isso sempre têm necessidade de grupos que desenvolvam ações educativas. Também, as crianças e adolescentes que são atendidas nas duas entidades mencionadas, mudam de um ano para outro e, sendo assim, as atividades propostas pelas integrantes do “Pintando a Cara” são sempre vistas como novidades.

É importante ressaltar que o projeto de extensão continua participando de eventos diversos, sempre que surgem convites e em 2015 tem mantido a seguinte organização: todas às segundas-feiras ocorrem reuniões no campus da UFMS de Naviraí para estudo, avaliação das atividades e planejamentos das ações futuras, sob a supervisão da professora coordenadora; todas as quartas-feiras das 7h às 10h as atividades práticas são desenvolvidas no SCFV com 35 crianças e adolescentes; todas as sextas-feiras das 7h às 10h as alunas da UFMS desenvolvem as atividades com 20 crianças do Maranatha.

Embora considerando todas as entidades parceiras como relevantes, o projeto Maranatha tem um diferencial por ter sido nesta entidade que as primeiras ações extensionistas do “Pintando a Cara” foram desenvolvidas. Se a parceria já existe há cinco anos, significa que o trabalho realizado pelas alunas do curso de Pedagogia da UFMS tem tido boa aceitação. Talvez isso tenha ocorrido porque “[...] o Projeto “Pintando a Cara” tem a pretensão nuclear de proporcionar momentos de aprendizagem e recreação por

meio de atividade lúdicas e artísticas em que seja possível estimular o desenvolvimento integral dos envolvidos” ([GONÇALVES; CORREA, 2015, p.276-277](#)).

Durante os cinco anos de parceria, as ações extensionistas foram desenvolvidas no Maranatha nos meses de março a novembro, uma vez por semana, com grupos diferentes de crianças, visto que a cada ano muda o dia e o horário de atendimento. Quem sugere os horários são os responsáveis pelo Maranatha e o “Pintando a Cara” se adequa de acordo com o grupo atendido de crianças e adolescentes atendidos (idade, quantidade, etc.).

Assim, em 2011 a proposta inicial foi trabalhar com a pintura facial e música. Por meio de um aparelho de Karaokê, os participantes podiam cantar as músicas preferidas, enquanto os demais dançavam. Por isso o projeto de extensão se chamava “Pintando a Cara, Soltando a Voz” porque as atividades eram prioritariamente artísticas, incluindo a pintura, a música e dança. Para [Arcuri \(2004\)](#), ao se trabalhar com Artes é possível estimular a criatividade, dando forma, cor, expressão aos sentimentos emergentes, conexões são feitas e novos significados podem ser atribuídos a velhas situações vividas que não puderam ter livre canal de expressão no momento em que ocorreram. A arte devolve a liberdade à alma aprisionada pelo vazio, pelo medo, ou ainda pelos sentimentos não nomeados e leva à concretização dos anseios das necessidades interiores do ser humano.

No ano seguinte, em 2012, as alunas de Pedagogia sentiram a necessidade de trabalhar com as brincadeiras tradicionais, como forma de resgatar e manter algumas atividades lúdicas que são importantes tanto pelo aspecto cultural, quanto por contribuir com o desenvolvimento psicomotor dos participantes. Para [Kishimoto \(1999\)](#), as brincadeiras tradicionais fazem parte da cultura popular, expressam a produção cultural de um povo em uma determinada época histórica, são transmitidas mediante a oralidade e vão se transformando ao incorporar criações anônimas que são passadas de uma geração para outra. Também [Bernardes \(2006, p. 543\)](#), ao comentar sobre as brincadeiras tradicionais, enfatiza:

Ligadas ao folclore, possuem as características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação e mudança. As brincadeiras tradicionais possuem, enquanto manifestações da cultura popular, a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver a convivência social.

Em 2013 foi a vez de priorizar o teatro, por se entender que é uma importante forma de expressão artísticas e que contribui com o desenvolvimento integral das pessoas, uma vez que tem que se expressar por meio do corpo (motor) e das emoções (afetivo), lidar com o público e outros colegas (social), prestar atenção e memorizar (cognitivo). Assim, algumas peças de teatro foram ensaiadas pelos participantes do Maranatha, com destaque para a peça “A Formiguinha e a Neve”, que após muitos ensaios e organização de figurino, foi apresentada primeiramente em uma reunião do Rotary Club Integração e posteriormente em diversas escolas municipais ([GONÇALVES, CORREA; BARBOSA, 2014](#)).

As atividades desenvolvidas no Maranatha pelas integrantes do “Pintando a Cara” no ano de 2014, consistiu na confecção de dobraduras, por se tratar de uma atividade interessante, que estimula a criatividade, contribui com o desenvolvimento integral dos participantes e o processo de realização costuma ser muito prazeroso. Ao comentar sobre

as práticas desenvolvidas pelo “Pintando a Cara”, as coordenadoras do projeto (docente e discente) justificam:

A pintura facial, principal identidade do projeto, ocorre em todas as ações extensionistas, estando relacionada com as atividades desenvolvidas: se faz a dobradura de determinado animal ou objeto, a mesma figura é pintada no rosto dos participantes; se o trabalho é com teatro, é feita a pintura facial para caracterizar ou se desenha os principais personagens da história na face das crianças; em épocas específicas como primavera e Páscoa, por exemplo, são feitas pinturas temáticas; em alguns momentos as pinturas são livres e realizadas de acordo com a solicitação dos participantes, como acontece com os grandes eventos, em que se costuma atender aos pedidos de crianças, adolescentes e adultos (GONÇALVES; CORREA, 2015, p. 279-280).

Devido à boa aceitação das atividades realizadas no ano anterior, no ano de 2015 também as atividades do “Pintando a Cara” no Maranhá, têm se caracterizado como confecção de dobraduras, resultando em elaboração de painéis e/ou cartazes que ficam expostos publicamente na própria entidade. Outras atividades lúdicas são realizadas, de acordo com a solicitação das crianças e evidentemente a pintura facial continua como principal característica do projeto de extensão.

Atividades desenvolvidas e percepções dos participantes

Ao analisar algumas atividades desenvolvidas pelas crianças e adolescentes do projeto Maranhá, podemos perceber que há uma boa aceitação em relação às ações extensionistas propostas, expressadas pelo comprometimento em desenvolver as práticas educativas com qualidade.

Em determinada situação, foi proposto às crianças ensaiar a peça de teatro intitulada “Macaco Malandro” para ser apresentada no final do ano. Considerando que a APAE é outra entidade parceira do “Pintando a Cara”, foi combinado que o teatro seria apresentado no encerramento das atividades do ano de 2014 da APAE. Assim, as crianças do Maranhá se empolgaram durante os ensaios porque seria apresentado para um grande público. Primeiramente foi explicado sobre a história e como deveria ser desenvolvida. Em seguida foi feita a distribuição dos personagens, tendo o cuidado para que todas as crianças fizessem parte da dramatização e tivessem alguma fala.

Esse momento foi considerado relevante para todos os participantes porque, durante o processo de organização, foi preciso negociar, uma vez que várias crianças queriam ser determinados personagens, ou outra criança tímida preferia ficar de fora. Nesse contexto, as relações sociais são aprimoradas e as emoções precisam ser trabalhadas, tanto para superar a timidez quanto para lidar com a frustração de não encenar o personagem que gostaria. Entende-se que nem sempre é fácil abrir mãos dos próprios interesses, mas em um contexto coletivo, é preciso que haja a contribuição de todos para que os objetivos comuns sejam alcançados.

Após a organização inicial, as crianças foram orientadas no sentido de ter que decorar todas as falas, a fim de facilitar o ensaio no próximo encontro. Algo que chamou a atenção foi a motivação e interesse de todos, evidenciadas pelo próprio texto decorado ou até mesmo por saber também sobre as falas dos outros personagens.

No dia da apresentação, foi feita a pintura facial nas crianças, de acordo com os personagens e a peça foi apresentada para um público de aproximadamente 250

peças, incluindo alunos, familiares e amigos dos estudantes da APAE. Percebemos que para os participantes do teatro foi um desafio encarar um público desconhecido e com essa quantidade de pessoas. Ao mesmo tempo, esses participantes tiveram a oportunidade de desenvolver suas habilidades interpessoais, que são necessários para a vida em sociedade.

Um aspecto importante, durante a realização dessa atividade artística, foi a possibilidade de reunir no mesmo dia e local: a) os participantes do Maranhão; b) os alunos da APAE com seus professores e familiares; c) as alunas integrantes do projeto de extensão “Pintando a Cara” da UFMS. Trata-se de uma forma de parceria que contribui para aproximar a universidade da sociedade em que está inserida. De acordo com [Rocha \(2007, p. 27\)](#), “A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações socioeducativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes”.

Outro tipo de atividade que as crianças do Maranhão pediam sempre para fazer era a contação de histórias, para que pudessem confeccionar dobraduras com o mesmo tema e então finalizar com a construção um painel coletivo. Esses painéis ficavam expostos na parede da sala em que eles participavam das ações extensionistas, sendo possível que outras pessoas que chegassem ou que frequentassem o Maranhão pudessem observar e acompanhar a criatividade das crianças.

Mais uma vez entende-se como uma oportunidade de as ações de extensão contribuírem com a aprendizagem e desenvolvimento integral dos participantes, porque durante a contação de história todos ficavam prestando atenção para entender a narrativa (aspecto cognitivo). Em seguida interpretavam a história na oralidade para então confeccionar as dobraduras. Esse momento de criar um personagem mediante dobraduras contribui para a estimulação da coordenação motora fina (aspecto motor), além de também ter que prestar atenção para poder seguir as etapas corretamente até finalizar o processo. Geralmente as crianças faziam dobraduras em papel branco e pintavam da cor que queriam. Muitas vezes, era possível notar que uma criança conseguia fazer uma atividade, cujo resultado era visto como mais bonito pelos colegas, enquanto que outro que avaliava o resultado da própria atividade como sendo feio. Novamente entendia-se como um momento oportuno para trabalhar com a autoestima das crianças, a fim de que pudessem se sentir valorizadas por ter participado da tarefa coletiva. Ao mesmo tempo, era possível trabalhar com os aspectos emocionais e de interação social, estimulando o desenvolvimento dos participantes. Para [Gonçalves e Correia \(2015\)](#), as iniciativas que incentivam as crianças a participar de projetos que contribuem com a formação integral do ser humano, são importantes tanto para a própria pessoa, quanto para a constituição da vida em sociedade.

Em todos os encontros semanais, a pintura facial, que se caracteriza como a identidade do projeto “Pintando a Cara”, era realizada. Muitas vezes eram sugeridas algumas opções, de acordo com a temática trabalhada naquele dia, outras vezes era deixado livre para que cada um escolhesse o desenho que gostaria que fosse pintando.

Algumas situações chamaram a atenção durante todo esse período de parceria entre o projeto de extensão da UFMS e o Maranhão. Uma delas é o fato de um menino não querer pintar nada inicialmente e as alunas de Pedagogia respeitaram. Depois começou a querer pintar somente com a cor preta, fazendo pequenos desenhos em um lado do rosto. Esses desenhos foram aumentando de proporção, a ponto de ele pedir pra pintar um lado do rosto de preto e o outro de branco. Com o tempo passou a aceitar

pinturas de todas as cores. Ao conversar com uma das coordenadoras do Maranhá, ela relatou sobre problemas emocionais que esse menino havia passado e que estava em processo de resolução. Ou seja, o fato de não querer a pintura facial, depois querer pintar somente de preto, depois aceitar a cor branca e por fim desenhos coloridos, retratava a evolução emocional em que estava vivenciando. Esse exemplo sugere que a pintura facial também é uma forma de linguagem que sinaliza sobre o estado emocional das pessoas. Para [Magalhães \(2009\)](#), a maquiagem e pintura corporal, e porque não dizer a pintura facial, é vista como forma de linguagem que cria códigos socialmente interpretáveis ou produz sentidos inesperados a partir da articulação que promove entre o sensível e o inteligível.

Como em alguns anos o perfil dos participantes do Maranhá era formado mais por crianças, outras vezes por adolescentes, e as vezes o grupo era heterogêneo, tendo crianças e adolescentes, no momento da pintura era possível notar as preferências de acordo com a faixa etária e também de acordo com o gênero. Assim, havia uma predileção por heróis de quadrinhos por parte dos meninos, e por desenhos delicados, como borboletas e flores, por parte das meninas. Os maiores muitas vezes queriam desenhos no braço ou imagens como caveiras ou algo que se assemelhasse com tatuagem. E havia situações em que alguns ficavam receosos e embora tendo vontade de pintar, se sentiam envergonhados, indicando que estavam amadurecendo e acreditavam que a pintura facial era mais adequada para as crianças. Dessa forma, a vontade dos participantes era respeitada e geralmente eles pediam para começar pelo braço ou mão e por fim pediam para fazer pintura facial como os demais.

É importante destacar que com todas essas experiências relativas às ações extensionistas, as alunas de Pedagogia da UFMS também aprendiam muito com as crianças do Maranhá e ainda tinham condições de melhor estabelecer relações entre a teoria aprendida na universidade com a prática vivenciada semanalmente, por meio das ações de extensão. Para [Benetti et al. \(2015, p. 26\)](#), “[...] a extensão universitária influencia a concepção pedagógica de ensino, introduzindo um novo conceito de sala de aula, com novas metodologias de aprendizagem, que apresentam uma preocupação com a formação cidadã”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de extensão “Pintando a Cara” surgiu em 2011, já com a intenção de contribuir com a aprendizagem e desenvolvimento integral dos participantes do Projeto Maranhá, cujas ações extensionistas, desenvolvidas por um grupo de alunas de Pedagogia da UFMS de Naviraí, se caracterizavam como pintura facial, música e ludicidade. Durante os cinco anos de parceria, as atividades práticas foram realizadas semanalmente com grupos diferentes de crianças e adolescentes que participam do Maranhá.

Durante todo esse período, a aceitação do “Pintando a Cara” por parte das crianças e adolescentes tornou-se evidente, seja pelo comprometimento durante a realização das atividades propostas, como teatro, contação de histórias, confecção de dobraduras, etc, seja pelo interesse em continuar participando das ações extensionistas.

A pintura facial tornou-se a principal identidade do projeto de extensão, evidenciando que não se trata de uma simples pintura, mas que as escolhas por parte dos participantes evidencia o estado emocional, bem como questões relativas a faixa etária e gênero. Sempre houve por parte das alunas de Pedagogia, o respeito em relação ao que

os participantes queriam ou não pintar. Mas em geral todos acabavam querendo algum tipo de desenho, influenciados pela coletividade, uma vez que a maioria sempre gostava desse momento de usar a imaginação, mediante a realização da pintura facial.

Assim, é possível afirmar que o projeto de extensão “Pintando a Cara”, no decorrer dos seus cinco anos de existência e especialmente mediante a parceria com o projeto Maranhão de Naviraí, tem apresentado alguns resultados positivos: a boa aceitação por parte das crianças e adolescentes que participam do projeto Maranhão; a contribuição com o processo de desenvolvimento integral dos participantes, especialmente nos aspectos psicossociais; a oportunidade de construção de novos saberes por parte das alunas que fazem parte do projeto de extensão; a possibilidade de haver trocas de experiências significativas entre integrantes do projeto e as crianças e adolescentes do Maranhão; o estreitamento das relações entre universidade e sociedade, etc.

Para finalizar, é importante mais uma vez destacar a contribuição do Projeto para o processo de formação profissional das alunas de Pedagogia, as quais adquirem experiências diversificadas que contribuem para o aprendizado inerente ao desafio de ser professor na atualidade. Dessa forma, acreditamos que todos os grupos envolvidos na ação de extensão são beneficiados, tanto pela oportunidade de construção de novos saberes, quanto pela possibilidade de trocas de experiências significativas, num contexto em que todos ensinam e aprendem, transformam e são transformados mediante a concretização da extensão universitária.

SUBMETIDO EM 28 nov. 2015
ACEITO EM 2 jun. 2016

REFERÊNCIAS

[ARCURI, I. G.](#) (Org.). **Arteterapia: um novo campo do conhecimento**. São Paulo: Vector, 2004.

[BENETTI, P. C.; SOUSA, A. I.; SOUZA, M. H. N.](#) Creditação da extensão universitária nos cursos de graduação: relato de experiência. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, Chapecó, v. 6, n. 1, p. 25-32, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/1951/pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

[BERNARDES, E. L.](#) Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela história. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: Ed. da UFU, 2006. p. 542-549. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/47ElizabethBernardes.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

[BRASIL](#). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

[BRASIL](#). Lei nº 13.005, de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 de junho de 2014. Edição extra, p. 1-8.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Superior. Edital **PROEXT 2014 - MEC/SESu**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=490&id=12243&option=com_content&view=article>. Acesso em: 05 jul. 2013.

CABRAL, A. M. F. **Relatório de atividades do Sof/Etadj Cível**. Laboratório de Serviço Social. Belém: UNAMA, 2002.

CALDERÓN, A. I. Extensão universitária: institucionalização sem exclusão. **Revista Educação Superior**, Piracicaba, v. 53, p. 36-38, 2003.

CALDERÓN, A. I.; PESSANHA, J. A. O.; SOARES, V. L. P. C. **Educação superior: construindo a extensão universitária nas IES particulares**. São Paulo: Xamã, 2007.

COSTA, A.; SILVA, P. B. **Extensão universitária brasileira: possibilidades, limitações e desafios**. São Paulo: Nelpa, 2011.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS - FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: UFRGS, Pró-Reitoria de Extensão, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, J. P.; CORREA, A. M. Projeto “Pintando a Cara”: a extensão universitária como mecanismo de desenvolvimento humano e inclusão social. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, Santo Ângelo, v. 11, n. 20, p. 274-281, 2015.

GONÇALVES, J. P.; CORREA, A. M.; BARBOSA, M. M. F. Extensão universitária e sua relação com a sociedade: vivências do projeto 'Pintando a Cara'. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 6., 2014, Belém. **Anais...** Belém: Ed. da UFPA, 2014. v. 1, p. 1-12.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MAGALHÃES, M. F. **Maquiagem e pintura corporal: uma linguagem semiótica**. 2010. 236 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos – Departamento de Letras) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <http://www.bdt.d.ndc.uff.br/tde_arquivos/23/TDE-2010-10-05T124916Z-2655/Publico/tese%20final%20Monica%202010.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2015.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

ROCHA, L. A. C. **Projetos interdisciplinares de extensão universitária: ações transformadoras**. 2007. 84 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Braz Cubas, Programa de Pós-Graduação em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação, Mogi das Cruzes, SP, 2007.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2011.